

Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social

Rodrigo Barbosa Lopes¹

O culto dos orixás, como é possível sintetizar as inúmeras religiões que são ou se desdobram da umbanda, são vivenciados e praticados por muitos, há décadas, na cidade de Uberlândia. Tais práticas de religiosidade foram difundidas e vividas como um importante movimento de resistência social, além de ser um lugar comum do fazer e viver o culto dos orixás e de outras práticas nada religiosas.

O lugar da reza foi também o local em que inúmeras crianças realizavam a refeição da sopa. O espaço do louvor foi também um pronto-socorro para inúmeros trabalhadores enfermos, que ocupavam quartos improvisados em um ambiente rústico em busca de tratamento. O cenário da procissão também foi o das festas, em que homens e mulheres criaram ambientes de socialização. Nos terreiros, constituíram-se relacionamentos de amizade, de matrimônio e de disputa.

Os terreiros de umbanda foram, e muitos ainda são, mais do que um lugar para se cultivar orixás. Apesar de toda a dinâmica e alterações que os cultos sofreram nos últimos anos, não é possível negar que os terreiros ainda sejam espaços em que trabalhadores, além de praticar alguma religiosidade, buscam tratamento para o corpo, alma e mente, recorrem a assistência financeira, material.

É ali que muitos consultam preto-velhos e caboclos, querendo respostas para tratamento da saúde do filho, com a bênção, água fluidificada, ervas e a prece. Mães lotam os terreiros, com filhos doentes no colo, buscando entre as entidades alguma resposta para os problemas do lar, da vida, dos filhos. Respostas que não encontraram em outros lugares. Homens ocupam as cadeiras, com semblante abatido e surrado. Muitos destes querem resolver os problemas financeiros. Jovens querem, dessas entidades, ajuda para conseguir um companheiro e realizar o sonho do matrimônio. Trata-se de uma problemática importante: como uma cidade que se apóia sobre a imagem do progresso, contempla mais de 240 terreiros de culto aos orixás e milhares de seguidores, em várias classes sociais?

¹ Mestrando em História Social pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia

Mesmo com toda a dinâmica urbana, com importantes alterações no cenário da cidade, ou mesmo com toda prática progressista que podemos acrescentar sobre a cultura de Uberlândia, os terreiros existem, e em uma quantidade impressionante. Segundo dados da própria Prefeitura Municipal de Uberlândia, por meio de órgãos internos, há uma grande quantidade de terreiros de umbanda tradicional, omolokô, keto, angola. Em geral, são terreiros que funcionam de forma improvisada, em espaços pouco aconchegantes, e com público bastante diverso.

O público dos terreiros é, basicamente, dividido entre médiuns, que trabalham na casa, e assistentes, que apenas freqüentam o ambiente. Os médiuns não necessariamente precisam incorporar alguma entidade, mas devem participam da roda mediúnica. Nessa roda, podem passar pelo processo de incorporação e realizar as consultas espirituais, ou auxiliar na comunicação entre a entidade e o visitante que realiza a consulta. Os médiuns que prestam assistência sempre são mais numerosos, pois a incorporação não é algo espontâneo, podendo levar anos para ser dominado pelo médium.

[...] por que é muito difícil um médium 100% de incorporação, todo tomado. É muito raro. É inconsciente, né?, então o que acontece na incorporação: aqui é o médium, aqui é a energia espiritual. Então, no decorrer dos anos, que ele vai estar dentro da casa, ele começa no desenvolvimento, ele já vai passar para a corrente, o guia vai aproximando, a energia dele. Para que seja uma incorporação 100% tem que fazer isto [dedos das mãos se encaixando], as duas energias se encontrarem e encaixarem, direitinho. Até então, o guia fica aqui oh, o que ele está fazendo aqui [uma mão sobrepondo a outra], ele está jogando as energias nesse médium. Então esse médium pode ter variações, uma hora ele escuta, outra hora ele escuta bem longe, outra hora ele não ouve nada, as vezes ele não vê. Por que essa energia vai fazendo isto, isso é com o tempo. Isso não é você girar hoje e na semana que vem ‘ah, o Rodrigo está completamente incorporado!’ de jeito nenhum. De jeito nenhum. Aí é onde muitas casas entram o que, a mestificação (.sic) voluntária e a involuntária. Sabe a diferença das duas?

Não, me explica.

Mestificação (.sic) voluntária: é aquela que você quer. Você sabe como é que o caboclo grita, como o caboclo ajoelha no chão, como é o que o preto velho fala, como é que o baiano fala, então você vai copiar aquilo. Essa é voluntária, você está sabendo o que você está fazendo, que não tem nada de espiritual ali. Involuntária: é aquela que a espiritualidade aproveita de uma casa de santo, onde as vezes o zelador não tem vidência, não tem um médium na corrente que não é vidente, que não pode ver o outro lado, o obsessivo vem e encosta

naquele médium e trabalha como exu, trabalha como preto velho, trabalha como caboclo, trabalha como baiano...²

As palavras da Mãe Irene não coincidem com as práticas identificadas na maioria dos terreiros visitados durante a pesquisa. Em muitos lugares, nota-se uma incorporação rápida e inconsequente, como algo habitual. Muitos assistentes foram convidados para participar da roda e, no mesmo dia, manifestaram a incorporação, mesmo não estando frequentando ou preparados, como a Mãe Irene explicou.

Certamente, não é proposta, deste estudo, identificar falsos médiuns. Mas, ao abordar essa questão, a da incorporação, é importante entender o papel de destaque que esses médiuns adquirem dentro dos terreiros. Assim, é necessário que não seja criada uma visão romântica de cada um desses espaços, um olhar em que nos remeta à estrutura familiar, harmônica, sugerido pela nomenclatura adotada em algumas casas, como mães, pais e filhos de santos. Há disputas e tensões entre médiuns, entre médiuns e pai de santo. Tais disputas não significam, necessariamente, desunião, mas sim propõe um olhar mais crítico sobre o senso comum, que veicula que lares umbandistas sejam lugares de união, paz e harmonia.

Cabe, então, direcionar o olhar para a assistência, que é o público do culto aos orixás. Em geral, os terreiros são frequentados por sujeitos de diferentes condições sociais. Em grande parte, são mulheres, de condição humilde, seguido por homens e jovens. A assistência é composta, em grande maioria, por trabalhadores que se deslocam a pé, ônibus, bicicleta. Poucos possuem um automóvel ou motocicleta. Deslocam-se, nas noites de quarta feira, distâncias consideráveis, carregando os filhos pelas ruas escuras da periferia de Uberlândia.

Há aqueles que frequentam com maior periodicidade, interessados em um dia ocupar a roda mediúnica. Há outros que visitam os terreiros, com a fé de poderem sanar alguma enfermidade. Há curiosos, que observam com espanto as exóticas manifestações. É importante observar que, mesmo numeroso, os assistentes desses cultos, sobretudo da umbanda, é muito rotativo.

Uma problemática importante, que serviu como ponto de partida para a pesquisa: como um único espaço pode ser um lugar de prática de religiosidade, vivenciado por diferentes classes sociais? Ao longo de entrevistas e diálogos com

² Entrevista realizada com a Mãe Irene, realizada em Março de 2011.

aqueles sujeitos, buscou-se entender como os trabalhadores recorreriam ao mesmo ambiente de doutores e empresários.

Trata-se, assim, de partir do modo como esses sujeitos vivenciam a experiência religiosa em seus múltiplos sentidos e, a partir de uma prática e não de um imaginário, reconhecer como diferentes sujeitos, que ocupam tanto cargos de médium ou de assistentes, podem identificar aquela Casa como um lugar comum para a prática de uma religiosidade.

Muitos que freqüentam os terreiros são trabalhadores, que vivem em seu cotidiano a experiência da luta social. É a dificuldade da consulta em um hospital público, é o transtorno do desemprego, é o incômodo da dívida. Em terreiros como o de Dona Lazineira, coordenadora da casa Pai Chico de Aruanda, em que a presença de médicos, psicólogos, empresários e outros profissionais com maior renda é, inicialmente, por motivos semelhantes aos que acometem os trabalhadores. São necessidades, vivenciadas de diferentes formas por cada um dos sujeitos, que são ali abrandadas por palavras macias de espíritos, considerados por todos, como de luz.

Assim o que se vê é a prática kardecista com a participação de entidades da umbanda. Percebe-se, pelas entrevistas, que nem sempre o kardecismo foi tão presente. Os ensinamentos de Allan Kardec, aos poucos, ocuparam e substituíram práticas da casa, ao ponto de provocar a extinção de alguns eventos de socialização que os terreiros de umbanda normalmente fazem.

O espiritismo kardecista, que é ligado aos ensinamentos de Kardec, que seguimos a risca, que é a orientação espiritual da casa sempre fala que, tudo que contrariar os ensinamentos de Jesus, primeiro, e contrariar os ensinamentos de Kardec, que tem um respeito extremo aos ensinamentos de Jesus, ele não deverá ser por nenhum de nós. (...), se algum dia eu chegar com algum ensinamento que vai de contra as colocações de Jesus, que não seja cristão, que não seja positivo para sua vida, você pode me excluir. Quer dizer, é uma atitude de conduta espiritual que existe na casa e existe em toda a casa com boa orientação espiritual. É claro que distorções existem, existem rituais ainda muito ligados a questão a origem africana, de quimbanda e tudo, que se mexem com imagens, com fazer o bem ou fazer coisas que muitas vezes podem confundir as pessoas né, conquistar fortunas por outras atitudes, conquistar o amor, prender pessoas, então nós realmente rejeitamos isso.³

³ Entrevista com Antônio Carlos, médico e médium da Casa Pai Chico de Aruanda, realizada em fevereiro de 2009.

A Casa Pai Chico de Aruanda foi criada em Uberlândia na década de 1970, período em que outras casas estavam surgindo, sobretudo do omolokô. Apesar de surgir como espaço com práticas umbandistas, o terreiro hoje é identificado como centro que inclui a mensagem positivista do kardecismo. As *distorções* realizadas pelas variações da umbanda, assinaladas por um dos principais médiuns da casa, não podem ser comparadas ao que é feito ali. Para o médium Antônio Carlos, a casa é kardecista com a participação de “evoluídas” entidades que conhecem a mensagem do espiritismo, o que o torna muito mais aceitável pela sociedade.

Pode-se dizer isto com segurança. O espiritismo kardecista tem sido, desde a fundação de Uberlândia, um elemento muito forte e presente na cultura religiosa da cidade. No Jornal Correios, desde as primeiras tiragens, ainda na década de 1940, por exemplo, nota-se diversas mensagens espíritas, com cunho puramente kardecista. Ainda hoje é possível, na emissora filiada a Rede Globo e com maior audiência, a TV Integração, programas que transmitem mensagens espíritas.

Ao buscar a origem do espiritismo kardecista em Uberlândia, é possível traçar uma forte relação com os primeiros hospitais psiquiátricos ou, mesmo antes, formas de tratamento para loucos, com prática semelhante às Santas Casas de Misericórdia⁴, algo ainda assinalado pela própria dona Lázinha, médium responsável pela casa Pai Chico de Aruanda,

(...) pois é, por que antigamente, aquilo que tava te falando, vinha vindo... acontecia muita coisa assim, suicídio, as pessoas ficavam loucas, internadas em sanatórios... ficava... aí depois que o Chico Xavier veio condicionando a doutrina, organizando a doutrina, passando esses livros maravilhoso que a gente estudava que é as obra de Kardec né, que a gente estudou tudo, aí a gente veio a ver que não precisa da pessoa ficar internada num sanatório, nada disso, por que ele recebe o auxílio espiritual e os remédios espiritual e dos médico da Terra também. Entendeu, assim que nós “vemo” o espiritismo. Só para ajuda, só para vê o espiritismo das pessoas... só isso. E todo mundo gosta muito. Por que tem pessoas desesperadas, que chega e sai muito bem. Graças a Deus.⁵

⁴ RIBEIRO, Raphael Alberto. Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932 – 1970). Dissertação de Mestrado do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

⁵ Entrevista com Dona Lázara Maria de Oliveira, Dona Lázinha, coordenadora da casa Pai Chico de Aruanda. Ela possui um pequeno estabelecimento comercial, que fica ao lado da Casa e, aos fundos, está a sua residência.

Pelo caráter científico, progressista, positivista, o kardecismo tornou-se uma religião com relevante divulgação no início do século XX no Brasil e, em Uberlândia, foi uma religião bem aceita pela elite intelectual. A fundação do sanatório espírita de Uberlândia, por exemplo, ocorreu em 1942 e contou com a presença de importantes membros da sociedade, como conta a reportagem do jornal Correio,

Conforme já é do domínio público, inaugurou-se no dia 29 do mês de Abril próximo findo, o Asilo de Dementes Allan Kardec, instituição essa, construída pelo espírito altamente dinâmico e caritativo do povo desta grandiosa Uberlândia e patrocinada pela Associação Espírita.

(...)

Vários elementos de destaque de nossa sociedade emprestaram com a sua presença, maior brilhantismo a festividade. Estiveram presentes, o representante do Sr. Prefeito; o Sr Luiz Arantes Diretor do Centro de Saúde; o Sr. Dr. Manuel Teixeira de Souza, Venerável da Loja Maçônica; os presidentes da Associação Comercial e dos choferes; os membros da Diretoria do Centro Espírita desta cidade, vários representantes de outras associações de classe, desta e de outras cidades do Triângulo e um número bastante apreciável de pessoas (.sic) que com a sua presença levaram desde logo o seu apoio incondicional de assistência aos obsedados.⁶

Para o médium Antônio Carlos, as doutrinas que sofreram a *distorção*, como apontou Antônio Carlos, não vivem conforme os *ensinamentos positivos* de Kardec e, portanto, não devem ser aceitas. Para desmistificar, o médium ainda mostra como a umbanda não possui, ou tem em pouca medida, uma relação com a África e com os africanos.

A umbanda ela não é, não foi criada pelos escravos. Ela foi criada em 1900 e alguma coisa, no sentido de uma reunião espiritual, foi algo que foi criado dentro de uma reunião espiritual, como um caminho novo a ser empreendido.⁷

Para o médium, e médico, a doutrina está ligada a fundação feita por Zélio de Moraes, em 1907. Tal explicação reduz todo o conteúdo de conhecimentos que a

⁶ SOB a mais viva satisfação, inaugurou-se domingo em nossa cidade, O 'Asilo de Dementes'. Correio de Uberlândia, p. 1, 1 de abril de 1942 In: RIBEIRO, Raphael Alberto. **Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932 – 1970)**. Dissertação de Mestrado do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

⁷ Entrevista com Antônio Carlos, médico e médium da Casa Pai Chico de Aruanda, realizada em fevereiro de 2009.

ancestralidade africana introduziu na prática da umbanda, tornando-a essencialmente uma doutrina kardecista, com alguns elementos afros e indígenas. É uma idéia romântica e positivista da umbanda, mostrando uma união harmônica das três raças brasileiras.

Tal deturpação é corrigida, dessa forma, pela assimilação que a umbanda faz do espiritismo científico. A racionalidade, tão evocada na literatura kardecista, é uma preocupação dos médiuns da Casa Pai Chico de Aruanda, que não permite que o espaço seja comparado ao misticismo e magia, ou ainda, às distorções.

“As entidades que aparecem como preto-velhos, vem assim para nos dar lições de humildade”. Certamente, algo necessário à arrogante postura do espiritismo kardecista, que ainda rebaixa as religiões de culto aos orixás a patamares muito inferiores, quando as classificam.

Se, por um lado, trabalhadores são beneficiados pela caridade do ambiente, recebendo doações, alimentos, sopas, roupas e outros tipos de ajuda, por outro há a presença de importantes membros da sociedade, como o médico e médium Antônio Carlos, que trabalham voluntariamente “na ajuda dos mais necessitados”. A caridade é uma das principais bandeiras da umbanda e do espiritismo. Trata-se de uma forte marca, embora pouco problematizada e questionada.

Por isso, faz-se necessário um olhar questionador e problematizador sobre a prática da caridade nesses espaços e, assim, entender como esse assistencialismo pode expressar uma forma de tensão social entre os diferentes sujeitos que participam do centro Casa Pai Chico de Aruanda.

Embora haja a presença de trabalhadores no preparo da sopa ou mesmo na limpeza do ambiente, é notável que a grande maioria dos serviços assistencialistas da casa, sobretudo quanto ao provento de verbas para comprar os utensílios e alimentos, são obtidos daqueles com maior poder aquisitivo.

A caridade é uma relação de dominação entre o mais forte sobre mais fracos. Não se trata, evidentemente, de criticar atos de bondade, mas de entender o peso da ação da ajuda nesses espaços. Em suma, são os trabalhadores que recebem a ajuda, que ganham a sopa, que levam para a casa o agasalho nos dias frios. São os participantes que, como o médico Antônio Carlos, ajudam. Assim, por esse olhar, é possível delinear uma condição presente e comum em casas espíritas ou mesmo em terreiros de culto aos

orixás, pois dificilmente veremos trabalhadores mais humildes prestando algum tipo de assistencialismo àqueles com melhores condições.

Assim, é importante trazer, nesse momento, como a umbanda surgiu em Uberlândia e, dessa forma, compreender como essa prática de religiosidade constitui-se em importante espaço de disputa. O propósito de trazer, somente nesse momento, é o de justamente não montar uma história linear da umbanda, ou do movimento umbandista. Não é intenção produzir uma história teleológica, mas sim uma que possa provocar uma reflexão, proporcionando aos vencidos um espaço na historiografia diferente, novo e, a partir desse olhar, mostrar que a prática umbandista é algo maior do que o culto aos orixás, sendo também um importante movimento de luta de classe e resistência social.

Por isso, parte-se do princípio que vivemos em uma sociedade em constante disputa, no qual as dialéticas sociais estão postas em diversos fazeres dos trabalhadores. É, dessa forma, pensar o trabalhador fora do chão da fábrica, como um sujeito que vive na e para a sociedade e forjando, nessa luta, a consciência social e uma cultura de resistência. É, assim, pensar diferente de um movimento que parte da subjetividade de indivíduos, pois, como veremos logo a seguir, não foi a subjetividade religiosa de uma mulher, a Mãe Irene Rosa, que proporcionou o início da umbanda em Uberlândia, mas sim toda a consciência social que vigora nos praticantes do movimento.

Isso é consciência prática, isso é cultura. Thompson fala como tais práticas são o modo de produzir a cultura de um grupo e, assim, esses sujeitos sociais lidam com essas relações e formulam, a partir desses fazeres, a consciência social. Trabalham a experiência vivida na consciência, nos sentimentos e trabalham isso na luta do cotidiano. Usar, desse modo, o referencial “subjetividade” da psicologia tira todo o vigor da luta.

São, assim, “necessidades” e “expectativas” vividas no trabalho, na festa, na música, na religiosidade como modos de produção de uma cultura, que é a prática social desses diferentes sujeitos. Mais do que sinalizar para a prática de uma cultura popular, fechada e estática, trata-se de um viver dinâmico, que irá ser alterado de acordo com a própria dinâmica da cidade, que exige e fornece novas necessidades e expectativas dos praticantes do culto aos orixás.

Se fosse discriminar os componentes constitutivos da “cultura popular” que mais requerem a nossa atenção nos dias de hoje, citaria

as “necessidades” e as “expectativas”. A Revolução Industrial e a concomitante revolução demográfica foram o pano de fundo da maior transformação da história, ao revolucionar “necessidades” e destruir a autoridade das expectativas baseadas nos costumes. É isso sobretudo o que estabelece a distinção entre o “pré-industrial” ou “tradicional” e o mundo moderno. As gerações sucessivas já não se colocam em posição de aprendizes umas das outras se precisamos de uma apologia utilitária para nossa investigação histórica sobre os costumes (penso que não é o caso), ela pode ser encontrada no fato de que essa transformação, essa remodelagem da “necessidade” e essa elevação do limiar das expectativas materiais (juntamente com a desvalorização das satisfações culturais tradicionais), prossegue hoje com pressão irresistível, acelerada em toda parte pelos meios de comunicação universalmente disponíveis. Pressões que são hoje sentidas entre 1 bilhão de chineses, assim como por incontáveis milhões em aldeias africanas e asiáticas.⁸

Indicada por muitos como o primeiro terreiro de umbanda de Uberlândia, a Tenda Coração de Jesus ainda está em funcionamento, em sua terceira geração. Fundado em 1947, a Casa está localizada no bairro Martins, rodeada de casas de alvenaria simples. O templo é ocultado por diversas casas que foram construídas à frente e a única identificação externa do espaço é a inscrição no muro “Tenda Coração de Jesus”, escrito em letras azuis sobre um muro vermelho desbotado. Uma fachada pouco convidativa expõe um nome que, também, não rememora os orixás e entidades da casa.

O terreiro de Mãe Irene Rosa teve um papel muito maior do que o de oferecer um lugar para a reza. E, mesmo nos dias de hoje, ainda resiste ao crescimento urbano realizando os trabalhos no mesmo espaço, por mais de 60 anos. Realiza eventos externos, como procissões com imagens pelo bairro; fornece de ervas para banho e tratamento; ajuda, materialmente, aqueles que necessitam.

E de lá para cá vem deslançando, graças a Deus, o preto-velho vem sempre orientando. Por que aqui tudo que vai fazer se pede orientação para o guia espiritual. Não se faz nada aqui se ele não autorizar. E eu acho lógico, por que se hoje nós temos essa casa nessa proporção, nós agradecemos a Deus em primeiro lugar e a ele, por manter de pé isso aqui até hoje. Eu, por quarta feira, se você ver o número de pessoas que eu atendo, que a espiritualidade vem para dar o atendimento, é mais de 50 pessoas por quarta feira. Então a história vem, já de muito tempo, e a gente procura manter aquela essência do mesmo jeito lá de

⁸ THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum** – Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. pp. 22-23.

traz. Então já passou na mão dos meus pais, que já faleceram, depois dos meus tios. Agora está na minha mão. E eu procuro fazer, lógico, muda alguma coisa de cabeça para cabeça, mas a essência, o conteúdo, continua o mesmo.⁹

Outra condição importante da Tenda Coração de Jesus é o respeito conferido à entidade Pai João da Bahia. Diferente da Casa Pai Chico de Aruanda, há um destaque muito grande para a entidade. Um exemplo disto é a forma como o terreiro foi criado: há um destaque maior para a orientação do espírito do que da médium ou mesmo da comunidade. Ele abriu os caminhos, segundo Mãe Irene, para a constituição do espaço e manutenção do mesmo.

(...) a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida – e o motivo por que seu “tradicionalismo” tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de um impulso meramente conservador, retrógrado e anacrônico. Luta e resistência – mas também, naturalmente, apropriação e expropriação. Na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo é rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. A “transformação cultural” é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. Em vez de simplesmente “caírem em desuso” através da Longa Marcha para a modernização, as coisas foram ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares.¹⁰

Em muitos momentos do diálogo com Mãe Irene, e mesmo na conversa com outros pais de santo, zeladores, médiuns e mesmo assistentes, é sinalizada a nostalgia de tempos antigos, em que a umbanda era tida como algo mais importante e respeitada pelos praticantes. Hoje, nas próprias palavras da mãe Irene de outros praticantes, “a coisa é mais comércio”. A transformação de muitas práticas e, também, o que se pode apontar como a não manutenção dos ritos tradicionais, não invalida o processo de luta instaurado por esse movimento de cultura popular¹¹.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ HALL, Stuart. Notas Sobre a Desconstrução do “Popular” In.: **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. pp. 248.

¹¹ Entende-se, na linha dos estudos de Stuart Hall, que “cultura popular não é, num sentido ‘puro’, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas.” (HALL, 2003. pp 248).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo. R.; KHOURY, Yara A. **História Oral e Memória**: Entrevista com Alessandro Portelli in *História e Perspectivas*. Uberlândia: Edufu, v. 25/26, 2001/2002, p. 27-54.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

CABRERA, Lydia. **Iemanjá e Oxum**. São Paulo: EDUSP, 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular**: história de classe ou história do povo? In: *História Perspectiva*. n.6, Uberlândia, Gráfica da UFU, jan./jun. 1992.

FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Ed. Olhos d'Água. São Paulo, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

KHOURY, Y. A. **Narrativas Orais na Investigação da História Social**. In. Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade. *História e Oralidade - Projeto História* 22. São Paulo, EDUC, 2001. p. 79 – 103.

KHOURY, Yara A. **Diversidade Cultural, Inclusão Social e a Escrita de História**. XIV CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL Rio Branco-Acre. 2-5/05/2006.

ISAIA, Artur César. **O Elogio ao Progresso na obra dos Intelectuais de Umbanda**. Retirado de http://www.geocities.com/ail_br/oelogioaoprogressonaobra.htm em 24/10/2006

MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.* [online]. 2004, vol. 18, no. 52 [cited 2006-12-05], pp. 121-138. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso. ISSN 0103-4014.

MARTINS, Heloísa de Souza & RAMALHO, José Ricardo (orgs.) **Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho**. São Paulo: Hucitec: CEDI/NETS, 1994.

MENDONÇA, Mauricio. **A Teologia da Prosperidade**. Artigo publicado no site www.espirito.org.br dia 01/07/2004 e retirado do site dia 22/07/2006

- MÉSZÁROS, István. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1993.
- PAOLI, Maria C. **Trabalhadores urbanos na fala de outros: tempo, espaço e classe operária brasileira**. In: *Cultura & Identidade Operária*. São Paulo: Marco Zero, 1987.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PETUBA, Rosângela M.^a Silva. **Pelo direito à cidade: Experiência e Luta dos Trabalhadores Ocupantes de Terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia - 1990-2000**. Programa de Pós-graduação em História Social. Dissertação de Mestrado, Uberlândia. UFU, 2001.
- PORTELLI, A. História Oral como gênero. In: **Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade. História e Oralidade** Projeto - História 22. São Paulo, EDUC, 2001. p. 9 – 36.
- PORTELLI, A. **O momento da minha vida: funções do tempo na história oral in Muitas Memórias, Outras Histórias**. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.
- PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- PRANDI, R. **Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- THOMPSON, E. P. **Tradição, revuelta y consciencia de clase: estudios das Crises del Sociedade Pré-industrial**. Barcelona: Editorial Crítico, 1989. A formação da classe operária inglesa. Vol. I, II, II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 182. Título original: *The poverty of Theory*.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum – Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social In.: **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.
- WEBER, MAX. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo, Marting Claret Editora, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.